Esta obra teve um impacto profundo na minha vida.

DR. WAYNE W. DYER

Bronnie é, com toda a certeza, uma alma extraordinária,
capaz de falar sobre a morte de uma forma poderosa
e autêntica, com a qual nos podemos identificar.

DR. RANGAN CHATTERJEE

Outros títulos de Bronnie Ware:

Your Year for Change:
52 Reflections for Regret-Free Living

Bloom:
A Tale of Courage, Surrender,
and Breaking Through Upper Limits

Para a Mãe e a Avó,
cujo amor e apoio incondicional
impulsionaram a minha
descoberta da coragem.

Índice

Introdução 15

Dos trópicos à neve 19
Uma carreira inesperada 31
Sinceridade e rendição 43

Primeiro arrependimento:

Quem me dera ter tido a coragem de viver uma vida fiel a mim mesmo, e não a vida que os outros esperaram de mim. 57
Produtos do nosso meio 69
Armadilhas 81

Segundo arrependimento:

Quem me dera não ter trabalhado tanto. 95
Propósito e Intenção 105
Simplicidade 117

Terceiro arrependimento:

Quem me dera ter tido coragem para expressar os meus sentimentos. 131
Sem Culpa 143
Dádivas Disfarçadas 157

Quarto arrependimento:

Quem me dera ter mantido o contacto
com os meus amigos 167
Amigos Verdadeiros 179
Dá-te permissão 191

Quinto arrependimento:

Quem me dera ter-me permitido ser feliz. 203
Chegou o momento de ser feliz 228
Uma questão de perspetiva 229
Tempos de Mudança 239
Escuridão e amanhecer 253
Sem arrependimentos 267
Sorri e confia 279

Agradecimentos 289

Sobre a autora 290



Introdução





O vento uivava com uma determinação feroz no exterior de uma pequena casa de campo, nas Montanhas Azuis da Austrália. Com uma chávena de chá por perto, eu permanecia confortável no interior, teclando alegremente, absorvida na minha escrita.

Estávamos em 2009 e o segundo artigo para o meu blogue recém-criado, o *Inspiration and Chai*, desenrolava-se. Chamava-se *Os Cinco Maiores Arrependimentos Antes de Morrer* e fluía ao seu próprio ritmo, sem hesitações, guiado por memórias poderosas e claras. Nos oito anos prévios, foram-me oferecidas repetidas lições e perceções de vida transformadoras, enquanto permanecia à cabeceira de pessoas no leito da morte, como cuidadora e ouvinte.

O artigo espalhou-se tal qual um incêndio por todos os cantos do mundo. Após inúmeros pedidos, encontrei a coragem para partilhar esta sabedoria com maior profundidade. Para o fazer tinha de contar a minha própria história, sobre como os arrependimentos das pessoas no seu leito da morte me tinham mudado. A minha jornada na vida real, em direção a uma vida sem arrependimentos, era um exemplo dos próprios desafios da vida. Não fazia sentido partilhar apenas os arrependimentos. Isso já tinha feito no artigo. Quando alguns dos meus pacientes terminais insistiram para que partilhasse as suas mensagens, queriam que outros pudessem compreender plenamente a angústia e a dor que morrer com arrependimentos causa. Queriam que eu ajudasse outras pessoas a encontrar a coragem que lhes havia faltado.

Ao empenhar-me em criar a minha própria vida sem arrependimentos, enquanto ainda cuidava de pessoas em estado terminal, passei a

compreender o quão difícil é libertarmo-nos de tudo o que nos impede de ser a nossa melhor versão. Viver sem arrependimentos não é algo que se atinja num estalar de dedos. Consiste num processo contínuo de decisões conscientes, ações bondosas para connosco mesmos e um balde cheio de coragem. A minha sincera intenção e esperança é que este livro o ajude a encontrar essa coragem para mudar.

Esta autobiografia foi traduzida para trinta e uma línguas, lida por mais de um milhão de pessoas por todo o mundo e conta com um filme em preparação. A importância da mensagem repercute-se, claramente, em pessoas de todas as classes sociais. Afinal de contas, vamos todos morrer e nenhum de nós deseja fazê-lo com arrependimentos. No fundo, queremos viver a nossa melhor vida, o que também inclui ousar ser a nossa melhor versão.

Conforme fui assistindo ao desenrolar da viagem deste livro, e ao meu próprio desenvolvimento ao longo do tempo, senti-me muito abençoada por ser a mensageira desta história. Ainda mais, estou incrivelmente grata por ter testemunhado a realidade da morte e do arrependimento. Enfrentar isso deu-me coragem em muitas ocasiões, sobretudo quando a vida parecia demasiado difícil. Encontrar a coragem para agir ou render, nunca será tão doloroso como estar no leito da morte com arrependimentos.

Estou muito grata à minha editora, Hay House, por me ter dado a oportunidade de fazer esta segunda edição. *Os Cinco Maiores Arrependimentos Antes de Morrer* foi originalmente publicado de maneira independente na sua forma original, após ser rejeitado por vinte e cinco editoras. Quando encontrou a sua onda, não houve tempo para o editar antes de ser profissionalmente publicado. Qualquer magia que este livro tivesse na sua forma original, era independente de quaisquer regras de composição ou gramática. Escrevi-o, simplesmente, como se estivesse a falar com um amigo, a partilhar a minha história e as dos pacientes que aprendi a amar.

Portanto, esta edição não está editada de uma forma tradicional, seguindo fórmulas ou regras. Consiste apenas numa limpeza gramatical e num reforço da mensagem em algumas partes. A minha vida e o meu estilo de escrita evoluíram nos últimos dez anos, desde aquela

primeira experiência invernal nas Montanhas Azuis. Por isso, é maravilhoso poder trazer para esta segunda edição um pouco da essência da minha própria jornada, sem perder o poder da mensagem das queridas pessoas de quem cuidei.

Enquanto este livro continua a chegar a um número cada vez maior de mãos e corações à volta do mundo, reparei que lhes permite fazer mudanças e encontrar uma coragem imensa. Permite que as lágrimas corram e que os corações se ergam. Apoia o perdão e ensina a gentileza. Reforça também o quão sagrada e preciosa é a vida.

Que o resto das vossas vidas seja alterado da melhor forma, através da partilha desta história.

Com amor e bondade,

Bronnie

Dos trópicos à neve

— Não consigo encontrar a minha dentadura. Não consigo encontrar a minha dentadura. — O chamamento familiar ecoou pelo quarto, enquanto tentava desfrutar da minha tarde de folga. Coloquei o livro que estava a ler em cima da cama e saí para a sala de estar.

Como esperado, a Agnes estava parada com um aspeto confuso e inocente, exibindo o seu sorriso gengival. Desatámos ambas a rir. A este ponto a piada já deveria ter perdido a graça, uma vez que o desaparecimento da dentadura ocorria, pelo menos, dia sim, dia não. Mas tal nunca acontecia.

— Tenho a certeza de que fazes isto só para me trazeres de volta para ao pé de ti — ri-me, enquanto começava a procura do dia pelos lugares já conhecidos. No exterior, a neve continuava a cair, intensificando o aconchego e o calor da casa de campo.

Agitando a cabeça, a Agnes estava convicta:

— De forma alguma, querida! Tirei-a antes da minha sesta, mas quando acordei não a encontrei em lado nenhum. — Apesar da perda de memória, ela era fina como um alfinete.

A Agnes e eu tínhamos começado a viver juntas há quatro meses, quando eu respondi a um anúncio à procura de uma cuidadora para morar com ela. Como uma australiana em Inglaterra, eu estava a trabalhar e a viver num pub para garantir um teto sobre a minha cabeça. Foi divertido e fiz belas amizades com outros funcionários e habitantes locais. As competências de barista eram extremamente úteis e permitiram-me começar a trabalhar logo após a minha chegada ao país. Estava grata por isso. No entanto, senti que tinha chegado a altura de mudar.

Os dois anos antes de emigrar foram passados a viver numa ilha tropical, tão pitoresca quanto qualquer postal poderia retratar. Depois de mais de uma década a trabalhar no setor bancário, senti a necessidade de experimentar algo que me libertasse da rotina de segunda a sexta-feira, das nove às cinco.

Uma das minhas irmãs e eu aventurámo-nos numas férias para uma ilha no norte de Queensland, para obtermos os nossos certificados de mergulho. Enquanto ela se dedicava ao nosso instrutor de mergulho, o que foi muito benéfico para passarmos nos testes, eu escalei uma montanha. Quando estava sentada num enorme rochedo, a sorrir, tive uma epifania: queria viver numa ilha.

Quatro semanas depois, despedi-me do emprego no banco, alguns dos meus pertences foram vendidos e outros enviados para um arrumo na quinta dos meus pais. A partir de um mapa, duas ilhas foram escolhidas simplesmente pela sua adequação geográfica. Não sabia mais nada sobre estas ilhas, para além de gostar da sua localização e de haver uma estância em cada uma delas. Isto foi antes de a *Internet* nos permitir ter acesso a tudo num instante. Com as cartas de candidatura no correio, dirigi-me para norte, destino desconhecido. Estávamos em 1991, antes da chegada em massa dos telemóveis à Austrália.

Pelo caminho, o meu espírito despreocupado recebeu um aviso oportuno e cauteloso após um incidente durante uma boleia. O condutor desviou-se da autoestrada para um caminho de terra batida que não mostrava qualquer sinal de visitantes. À medida que as casas desapareciam e o mato se adensava, já longe da cidade pretendida, ele disse que queria mostrar-me onde morava. Felizmente, permaneci firme e determinada, mantendo conversa para conseguir sair daquela situação. Apenas algumas tentativas de beijos babados foram feitas por ele, quando, por fim, saí do carro o mais rápido que consegui e na cidade certa. Assim terminaram as minhas aventuras a pedir boleia.

Desde então, limitei-me aos transportes públicos e, tirando aquela experiência duvidosa, foi uma grande aventura sobretudo por não saber onde viveria a seguir. Viajar em autocarros e comboios permitiu que, enquanto me dirigia para climas mais quentes, o meu caminho se cruzasse com algumas pessoas fantásticas. Após algumas semanas a

viajar, telefonei à minha mãe que tinha recebido uma carta a dizer que havia um emprego à minha espera numa das ilhas escolhidas. Desesperada para escapar à rotina bancária, cometi o erro ridículo de dizer que estava disposta a aceitar qualquer emprego. Então, poucos dias depois, estava a viver numa linda ilha com tachos e panelas até aos cotovelos.

A vida na ilha foi uma experiência fantástica, não só por me libertar da rotina de segunda a sexta-feira, mas também por me fazer perder a noção dos dias da semana. Adorei. Após um ano a ser não tão carinhosamente conhecida como «lava-pratos», evoluí para o bar. O tempo passado no bar foi, de facto, muito divertido e ensinou-me uma série de coisas sobre cozinha criativa. Mas era um trabalho quente, duro e suado num espaço sem ar condicionado, nos trópicos. Pelo menos, os dias de folga eram passados a passear por magníficas e húmidas florestas, a alugar barcos e a navegar até às ilhas vizinhas, a fazer mergulho ou simplesmente a relaxar no paraíso.

O voluntariado no bar acabou por me abrir a porta para esta tão cobiçada posição. Com uma vista digna de um milhão de dólares, sobre águas calmas e azuis, areias brancas e palmeiras ao sabor do vento, não era um trabalho difícil. Lidar com clientes felizes que estavam a ter as férias das suas vidas e tornar-me perita em preparar cocktails dignos de fotografias de folhetos de viagens, fazia com que a vida que conhecera anteriormente, enquanto ainda trabalhava no banco, estivesse a quilómetros de distância.

Foi atrás do balcão do bar que conheci um europeu que me ofereceu um emprego na sua empresa. Os desejos de viajar sempre fizeram parte de mim e, depois de mais de dois anos na ilha, precisava de alguma mudança e de desfrutar novamente de algum anonimato. Quando se vive e trabalha dentro da mesma comunidade, dia após dia, a privacidade no quotidiano torna-se sagrada.

Seria de esperar um choque cultural para qualquer pessoa que regressasse à vida continental após alguns anos passados numa ilha. Lançar-me dessa realidade para um país estrangeiro, onde nem sequer falava a língua, foi, no mínimo, desafiante. O meu caminho cruzou-se com algumas pessoas simpáticas durante esses meses e fico contente por ter tido essa experiência. Porém, precisava de amigos

com interesses semelhantes aos meus, por isso acabei por partir para a Inglaterra. Cheguei lá apenas com dinheiro suficiente para um cartão de viagem para chegar à única pessoa que conhecia no país. E com uma libra e sessenta e seis pence de sobra, começou um novo capítulo.

O Nev tinha um sorriso grande e encantador e uma cabeça de caracóis brancos e finos. Era, também, especialista em vinhos e trabalhava no departamento vinícola do *Harrods*. Era o primeiro dia dos saldos de verão da loja. Vinda diretamente do ferry noturno que atravessava o canal, devia parecer uma vagabunda ao entrar naquele local elegante e movimentado.

— Olá, Nev. Sou a Bronnie. Conhecemo-nos uma vez. Sou amiga da Fiona. Há uns anos, dormiste no meu pufe — revelei por cima do balcão, com um sorriso alegre.

— Claro, Bronnie. — Fiquei aliviada ao ouvir a sua resposta — O que se passa?

— Preciso de um lugar para pernoitar durante algumas noites, por favor — disse, esperançosa.

Ao tirar a chave do bolso, o Nev respondeu:

— Claro. Aqui tens.

E com isso tinha indicações para a sua casa, um teto sobre a cabeça e o sofá dele para dormir.

— Achas que me podias emprestar dez libras, por favor? — perguntei com otimismo. Sem hesitação, ele tirou dez libras do seu bolso de trás. Com palavras de agradecimento e um sorriso alegre como resposta, estava encaminhada. Tinha uma cama e comida.

A revista de viagens na qual tencionava encontrar um emprego foi publicada naquela manhã, pelo que adquiri um exemplar, regressei à casa do Nev e fiz três telefonemas. Na manhã seguinte, estava a ser entrevistada para um trabalho com alojamento incluído num *pub* em Surrey. Nessa tarde, já estava a morar lá. Perfeito.

A vida desenrolou-se durante alguns anos com amizades e romance. Foram tempos divertidos. A vida na aldeia agradava-me, por vezes fazia-me lembrar a comunidade da ilha e estava rodeada por pessoas que tinha aprendido a amar. Além disso, não estávamos muito longe

de Londres, por isso, fazia viagens regularmente, a maioria das quais eu desfrutava bastante.

Contudo, lugares distantes chamavam por mim. Queria visitar partes do Médio Oriente. Os longos invernos ingleses foram boas experiências e fiquei contente por os ter vivenciado. Eram um enorme contraste face aos longos e quentes verões da Austrália. Porém, eu tinha a opção de ficar ou ir embora e decidi ficar mais um inverno, determinada a conseguir poupar algum dinheiro para a minha próxima viagem. Para isso, eu tinha de me afastar do ambiente dos pubs e controlar a tentação de sair todas as noites para socializar. Nunca fui muito de beber, mas sair com frequência continuava a custar dinheiro que me podia levar a viajar.

Mal tomei essa decisão, o anúncio de emprego para o lugar de cuidadora da Agnes saltou-me à vista, uma vez que era no concelho vizinho de Surrey. O emprego foi-me oferecido na primeira entrevista, quando o agricultor Bill percebeu que eu era uma rapariga do campo. A sua mãe, Agnes, tinha cerca de oitenta anos, cabelos grisalhos, pelos ombros, uma voz alegre e uma enorme barriga redonda, coberta quase todos os dias pelo mesmo casaco cinzento e vermelho. A quinta deles ficava a cerca de meia-hora de carro dos meus amigos, pelo que era fácil ver toda a gente nos dias de folga. No entanto, sentia-me num mundo diferente quando lá estava. Era bastante isolador visto que eu estava com a Agnes permanentemente, desde a noite de domingo até à noite de sexta-feira. As duas horas livres todas as tardes não me permitiam muito tempo para socializar, embora as usasse ocasionalmente para ver o meu homem inglês.

O Dean era um querido. Foi o humor que nos uniu assim que nos conhecemos. O nosso amor pela música também nos aproximou. Conhecemo-nos no dia seguinte à minha chegada, logo após a entrevista para o emprego no pub, e percebemos rapidamente que ambas as nossas vidas eram mais ricas e divertidas por nos conhecermos. Infelizmente, não era com ele que eu passava a maior parte do meu tempo nessa altura. Costumava ficar retida na neve em casa da Agnes e, muitas vezes, ocupada a tentar encontrar a sua dentadura. Era impressionante como ela encontrava tantos sítios diferentes, numa casa tão pequena, para perder os dentes.

A sua cadela, Princess, era uma pastora-alemã com dez anos e que largava pelo em todo o lado. Era uma cadela dócil, porém, estava a perder a força nas patas traseiras devido à artrite. Aparentemente, era uma doença comum nos cães daquela raça. Tendo aprendido com experiências passadas, levantei-lhe o traseiro e, por baixo, procurei os dentes da sua dona. Nesse dia, não tive sorte. Noutras ocasiões sentava-se neles, portanto valia sempre a pena procurar ali. Princess abanou a sua grande cauda e depois retomou o seu sono junto à lareira, esquecendo-se rapidamente da breve perturbação.

A Agnes e eu cruzámo-nos várias vezes enquanto continuávamos a procurar.

— Não estão aqui! — gritava ela do quarto.

— Aqui também não estão — respondia eu da cozinha. Inevitavelmente, trocávamos de lugar e eu acabava por procurar no quarto, e a Agnes na cozinha. Não há assim tantos quartos para procurar numa casa pequena, então verificávamos todos para ter a certeza absoluta. Naquele dia em específico, os dentes tinham escorregado para o seu saco de tricô, ao lado da poltrona na sala.

— Ah, tu és um tesouro, querida — disse ela, colocando-os de volta na boca. — Vem ver televisão comigo, já que estás aqui. — Esta era uma estratégia recorrente e eu sorri ao concordar com o seu pedido. Era uma senhora idosa que tinha vivido sozinha durante muito tempo e estava a desfrutar de companhia. O meu livro podia esperar. Não era como se o trabalho fosse extenuante. Era simplesmente companhia e se ela precisava disso fora das minhas horas de trabalho programadas, não havia problema.

Os dentes já tinham sido encontrados debaixo da sua almofada, no armário da casa de banho, numa chávena de chá no armário da cozinha, no seu saco de tricô e em muitos outros lugares quase inacreditáveis. Também já tinham aparecido atrás da televisão, na lareira, no caixote do lixo, em cima do frigorífico e no seu sapato. E, claro, debaixo da Princess e do seu grandioso traseiro de pastora-alemã.

As rotinas funcionam para muita gente. Eu floresço na mudança. Mas a rotina tem a sua importância e com certeza funciona melhor para muitas pessoas, especialmente à medida que envelhecem. Havia

rotinas semanais e diárias com a Agnes. Todas as segundas-feiras íamos ao médico, uma vez que ela fazia exames ao sangue com regularidade. A consulta era à mesma hora todas as semanas. Uma atividade por dia era suficiente, caso contrário arruinaria a sua rotina da tarde, de descanso e tricô.

A Princess acompanhava-nos para todo o lado — fizesse chuva, granizo ou sol. Primeiro, baixava-se a traseira da *pick-up*. A velha cadela esperava pacientemente, sempre a abanar a cauda. Era um animal lindo. Depois, levantava-lhe as patas da frente para a plataforma traseira e erguia-lhe rapidamente a parte inferior do corpo, antes que as patas cedessem e tivéssemos de recomeçar. Via-me, assim, coberta de pelos de cão cor de areia durante o resto do passeio.

Descer era mais fácil, embora ainda precisasse de ajuda. A Princess deixava-se cair para que as patas da frente tocassem o chão. Depois, esperava que eu levantasse as patas traseiras. Se, entretanto, a Agnes precisasse de ajuda para alguma coisa, a Princess esperaria nessa mesma posição, até eu regressar. Uma vez no chão, ela caminhava feliz e sem dor, sempre a abanar aquela cauda grande e velha.

As terças-feiras eram passadas a fazer compras na aldeia mais próxima. Muitos dos idosos com quem tenho trabalhado desde então são muito frugais. A Agnes era o oposto. Estava sempre a tentar comprar-me coisas, sobretudo aquilo de que eu não precisava ou queria. Éramos vistas em cada corredor, as mesmas duas mulheres, uma idosa e uma jovem, a discutir uma com a outra. Estaríamos a sorrir e por vezes a rir, mas ambas determinadas. Como resultado, eu acabava por ficar com metade das coisas que a Agnes me queria comprar. Quer fossem várias iguarias vegetarianas, mangas importadas, uma nova escova para o cabelo, uma camisola interior ou uma pasta de dentes com um sabor terrível.

Às quartas-feiras jogava-se bingo, novamente, na aldeia local. A visão da Agnes estava a deteriorar-se, por isso, eu era os seus olhos para confirmar os números no bingo. Ela conseguia ler e ouvir relativamente bem os números, mas antes de riscar qualquer um, verificava comigo para ter certeza. Eu adorava todos os idosos presentes. Estava no fim dos meus vinte anos e era a única jovem, portanto, a Agnes sentia-se especial. Chamava-me «a minha amiga».

— Bem, eu e a minha amiga fomos às compras ontem e eu comprei-lhe umas cuecas novas — partilhava ela, séria e orgulhosa, a todas as suas amigas idosas do bingo.

Todos acenavam e sorriam para mim, enquanto eu estava ali sentada e a pensar: «Valha-me Deus!». A Agnes continuava.

— A mãe dela escreveu-lhe esta semana, da Austrália. Está muito calor lá nesta altura do ano, sabem. E ela tem um novo sobrinho. — Mais uma vez, as cabeças acenavam e sorriam.

Não demorei muito a aprender a filtrar a quantidade de informação que lhe dava. Detesto pensar o que eles teriam descoberto sobre a minha vida caso contrário, especialmente quando a minha mãe me enviou lingerie bonita e outros presentes, para me mimar à distância. Porém, tudo era inocente e terno com a Agnes. Portanto, consegui suportar a vergonha e o desconforto que ela às vezes me causava.

As quintas-feiras eram o único dia em que ficávamos fora durante a hora de almoço. Era um grande dia para nós as três, a Princess incluída, claro. Íamos de carro até uma cidade em Kent e almoçávamos com a sua filha. Cinquenta quilómetros era uma distância grande segundo os padrões ingleses, mas, para um australiano, era apenas um salto.

A nossa perspetiva de distância é, definitivamente, uma diferença cultural. Na Inglaterra, se conduzirmos três quilómetros chegamos a outra aldeia. O sotaque será totalmente diferente e podemos não conhecer ninguém, mesmo tendo vivido na aldeia vizinha a vida toda. Na Austrália, podemos conduzir oitenta quilómetros por um pão. Os vizinhos podem estar tão longe que telefonam ou falam pelo rádio para dizerem «olá», mas mesmo assim consideram-nos vizinhos. Uma vez trabalhei numa zona, no Território do Norte, tão remota que as pessoas voavam de avião para chegarem ao *pub* mais próximo. A pequena pista de aterragem ficava cheia de aviões de um e dois lugares ao início da noite, mas totalmente vazia na manhã seguinte, quando todos tinham voado de volta, meio bêbados, para as suas quintas.

Sendo assim, o longo passeio de quinta-feira era um grande dia para a Agnes, contudo, para mim, era um passeio de carro relaxante. A filha dela era uma mulher gentil e os momentos que passávamos juntas eram agradáveis. Elas comiam sempre um almoço *ploughman's*,

com carne, queijo e picles. Eu admirava o quanto os ingleses gostavam dos seus picles. Também era um bom país para vegetarianos, portanto as minhas escolhas nunca eram muito limitadas. Estando num clima tão frio, geralmente, gostava de uma sopa quente ou de um prato de massa reconfortante.

As sextas-feiras eram passadas sempre no mesmo sítio. Vivíamos numa quinta que tinha o seu próprio talho, gerida por dois dos filhos da Agnes. Quando saíamos nas manhãs de sexta-feira, era sempre a esse talho que íamos. Embora a Agnes insistisse em dedicar o seu tempo a analisar tudo detalhadamente, comprava as mesmas coisas todas as semanas, sem falhar. O talhante até se oferecia para ir entregar o seu pedido a casa, mas não.

— Muito obrigada, mas tenho de vir e fazer a minha escolha aqui — respondia ela educadamente.

Naquela altura eu era vegetariana. Agora sou vegana. No entanto, ali estava eu a viver numa quinta, um cenário não muito diferente daquele onde eu tinha crescido. Mesmo não defendendo o consumo de carne, compreendia o negócio e o estilo de vida. Afinal, era um território familiar.

Nós voltávamos do talho e atravessávamos o celeiro a conversar com os trabalhadores da quinta e com as vacas. A Agnes andava devagarinho com a sua bengala e eu sempre ao seu lado, com a Princess atrás de nós. O frio não importava, se fosse necessário vestíamos mais camadas de roupa. As sextas-feiras eram sempre passadas assim, visitávamos a loja e depois as vacas no celeiro.

Ficava maravilhada com o quão diferente as vacas inglesas eram tratadas em comparação com as australianas, com os seus celeiros aquecidos e atenção individualizada. Contudo, as vacas australianas não tinham de suportar os invernos ingleses. Mesmo assim, deixava-me bastante triste conhecer aquelas vacas, sabendo que provavelmente estaríamos a comprar a sua carne no talho dias mais tarde. Foi difícil aceitar essa realidade e, na verdade, nunca o consegui fazer.

A questão do vegetarianismo vinha à baila muitas vezes em casa da Agnes, apesar da minha tentativa de silêncio e do meu respeito pelo estilo de vida escolhido pela família. Eu não era o tipo de vegetariana,

ou vegana, que gostasse de falar sobre isso em demasia. No entanto, por ter visto o que vi durante a minha educação, incluindo uma excursão escolar traumatizante a um matadouro, entendo a razão pela qual algumas pessoas são tão vocais e apaixonadas. Ficamos de coração partido quando encontramos coragem para olhar honestamente para estas indústrias e vemos o que acontece por trás das cortinas.

Contudo, preferia viver de forma tranquila e simples, dando o exemplo e, ao mesmo tempo, respeitando o direito de todos viverem como lhes faz sentido. Só falava das minhas crenças se me perguntassem e ficava feliz em fazê-lo, já que havia um interesse genuíno.

Quando a Agnes começou a questionar-me sobre a razão de ser vegetariana, hesitei. A sua sobrevivência dependia do rendimento da quinta de gado. Na prática, a minha também, embora na altura ainda não tivesse percebido isso. Aceitei o trabalho simplesmente com a intenção de poupar dinheiro e alegrar a vida de uma senhora idosa.

A Agnes insistiu com as perguntas. Por isso, contei-lhe sobre o que sentia ao assistir o abate de vacas e ovelhas quando era criança e como isso me afetou; o quanto eu amava os animais e como eu tinha notado que as vacas mugiam de maneira diferente quando sabiam que estavam prestes a morrer. Os sons de terror e pânico ainda me assombram.

E foi isso. A Agnes declarou-se vegetariana na hora. «Oh, meu Deus!», pensei. «Como é que vou explicar isto à família dela?». Falei sobre isso com o filho, Bill, pouco depois e ele falou com a mãe sobre o seu desejo de que ela continuasse a comer carne. No início, resistiu um pouco, mas acabou por aceitar comer carne vermelha um dia por semana, peixe e frango noutros dias. A família alimentava-a nos meus dias de folga, por isso estaria a comer carne também nesses dias.

Com o tempo, as minhas opiniões fortaleceram-se e agora nem consideraria aceitar um trabalho que envolvesse cozinhar carne. Porém, naquela época, foi o que fiz e detestava essa parte dos meus deveres. Não conseguia cozinhar carne sem me entristecer quando me lembrava que aquele tinha sido, em tempos, um lindo ser vivo. Portanto, gostei logo deste novo acordo, mesmo que peixe e frango fossem igualmente animais, a meu ver.

Acontece que a Agnes só tinha concordado com o Bill para manter a paz. Ela não tinha intenção nenhuma de comer qualquer tipo de carne durante a semana. Então, passei os restantes meses de inverno e primavera a preparar deliciosos banquetes vegetarianos com tortas de nozes, sopas deliciosas, salteados coloridos e pizzas *gourmet*. Penso que a Agnes teria vivido feliz com uma dieta à base de ovos cozidos e, claro, feijão cozido. Afinal ela era inglesa e os ingleses adoram o seu feijão.

A neve derreteu e os narcisos anunciaram a primavera. Os dias alongaram-se e os céus azuis regressaram. À medida que a quinta ganhava vida novamente, vitelos recém-nascidos corriam nas suas pernas trémulas. Os pássaros voltaram e saudavam-nos com o chilrear todos os dias. A Princess largava ainda mais pelo.

A Agnes e eu largámos os nossos casacos e chapéus de inverno, e continuámos com a nossa rotina habitual por mais alguns meses, desfrutando do sol primaveril. Éramos duas mulheres de gerações muito diferentes, a caminhar de braço dado, dia após dia, enquanto partilhávamos risadas e histórias contínuas.

O desejo de viajar ainda chamava por mim. Ambas sabíamos desde o início que me iria embora. Sentia falta do Dean também. Os fins de semana já não eram tempo suficiente para estarmos juntos e estávamos ansiosos por começar a viajar. O a vaga para o meu lugar foi anunciada e o nosso tempo juntas estava a chegar ao fim. Aqueles meses com a Agnes foram uma experiência maravilhosa e especial. Embora tivesse aceitado o emprego maioritariamente pelo benefício dos meus desejos de viajar, fazer companhia era um trabalho lindo.

Era muito mais agradável do que servir cervejas. Preferia ajudar alguém a caminhar com firmeza por ser velha e frágil, do que alguém que é jovem e bêbado ou mesmo velho e bêbado. Já tinha feito ambos durante o meu emprego na ilha e no *pub* inglês. Preferia muito mais procurar pelos dentes de uma velhinha do que remover cinzeiros sujos e copos de *pint* vazios.

O Dean e eu viajámos para o Médio Oriente, onde nos maravilhámos com culturas vastamente diferentes, mas fascinantes (e comemos muita comida deliciosa). Depois de um maravilhoso ano ou mais, fora, voltei para visitar a Agnes. Outra rapariga australiana tinha-me

substituído e tivemos uma longa e agradável conversa, depois da Agnes ter adormecido na sua poltrona. Partilhando muitas histórias, ela admitiu estar um pouco confusa com a primeira pergunta que o Bill lhe fez quando a entrevistou. Perguntei qual tinha sido e desatei a rir quando ela me disse que a primeira questão do Bill foi: «A senhora não é vegetariana, pois não?».



Uma carreira inesperada





Após aqueles anos na Inglaterra e no Médio Oriente, regressei, por fim, à minha querida Austrália. Era uma pessoa diferente, tal como qualquer pessoa depois de ter viajado. Ao voltar a trabalhar no banco, tornou-se óbvio de que não me voltaria a satisfazer. O atendimento ao público era a única parte boa do cargo e, embora fosse fácil encontrar trabalho em qualquer cidade, sentia-me inquieta e desesperadamente infeliz na minha vida profissional.

A criatividade começou a insurgir em mim. A viver no Ocidente da Austrália, naquele momento, sentei-me à beira do Rio Swan, em Perth, e fiz duas listas. Na primeira lista, escrevi o que eu sabia fazer bem; na segunda, o que adorava fazer. A partir dali, tinha de reconhecer que havia uma artista dentro de mim, já que as únicas coisas que coincidiam em ambas as listas eram talentos criativos.

«Será que ouso pensar que posso vir a ser uma artista?», pensei para mim mesma. Apesar de ter crescido entre músicos, a fiabilidade de um «bom emprego» também me fora incutida. Ninguém na minha família conseguia entender a minha inquietação com a existência estável de um trabalho das nove às cinco no setor bancário. Eram «bons empregos»: bons empregos que estavam lenta e seguramente a matar-me.

Enquanto eu tentava perceber no que poderia ter talento e ao mesmo tempo desfrutar, desenrolou-se uma intensa introspeção. Foram tempos difíceis. Tudo mudou dentro de mim. Por fim, cheguei à conclusão de que teria, eventualmente, de trabalhar com o coração porque trabalhar apenas com o intelecto deixava-me demasiado vazia e

insatisfeita. Comecei a desenvolver as minhas competências criativas através da escrita e da fotografia, o que me levou à composição e, consequentemente, à atuação, num percurso longo e adverso. Entretanto, continuei a trabalhar no banco, maioritariamente como empregada temporária. Já não me era possível suportar o sufoco de um emprego a tempo inteiro.

Perth era longe de tudo. Por muito que gostasse de viver lá, o desejo de estar perto daqueles que amava fez com que as cidades a leste me chamassem. Assim, atravessámos as extensas planícies do Nullarbor, pelas Flinders Ranges, ao longo da Great Ocean Road, subindo pela New England Highway, até que Queensland se declarou a minha nova casa para os próximos tempos. Durante algum tempo, trabalhei num call center de apoio ao cliente para pessoas inscritas num canal de filmes para adultos. Às vezes, conseguia ser muito mais interessante do que o setor bancário.

— Hum…

Silêncio.

— Estou só a ligar pelo meu marido.

— Gostaria de se inscrever no *Night Moves*? — respondia eu num tom amigável e acolhedor, sempre a tentar pôr as mulheres à vontade.

Ou os homens perguntariam:

— Como é? Quer dizer... Vê-se tudo?

— Peço desculpa, senhor. Pessoalmente não assisto, mas posso oferecer-lhe um período experimental de uma noite por $6,95. Se gostar, pode voltar a ligar e inscrever-se no plano mensal.

E, claro, havia as chamadas esperadas:

— De que cor são as cuecas que tens vestidas? — O botão de desligar era muito útil nessas ocasiões. Mas, apesar do tema, era somente mais um trabalho de escritório. E a minha inquietação continuava a aumentar.

Voltámos para a minha cidade natal, Nova Gales do Sul. Dean, o homem que me acompanhou na Inglaterra e no Médio Oriente, regressou comigo para a Austrália. Pouco depois de nos mudarmos para Nova Gales do Sul, a nossa relação chegou ao fim. O nosso amor durou anos e fomos os melhores amigos durante grande parte desse tempo.

Foi devastador assistir ao desmoronar dessa amizade, porém, as nossas inúmeras diferenças, como o estilo de vida, já não podiam continuar a ser varridas para debaixo do tapete ou desvalorizadas da maneira que tínhamos vindo a fazer.

Eu era vegetariana. Ele comia carne. Ao trabalhar numa divisão fechada a semana toda, eu ansiava por tempo ao ar livre durante o fim de semana inteiro. Ele, ao trabalhar ao ar livre a semana toda, queria estar resguardado durante todo o fim de semana. A lista era interminável e parecia aumentar semana após semana. As coisas com as quais cada um de nós se deslumbrava, já não encantavam o outro. O amor mútuo pela música ainda nos unia e fez persistir a nossa relação durante mais algum tempo. Mas, no final, o nosso canal de comunicação perdeu a força e cada um lutava com a sua própria perda, enquanto os sonhos partilhados se desintegravam diante os nossos olhos.

Foi uma altura dolorosa, quando a nossa relação terminou e o luto da sua perda a veio substituir. Enrolada em posição fetal, num pranto, desejei que tivéssemos funcionado, mas sabia que era impossível. A vida chamava-nos em direções diferentes e a relação tornou-se um impedimento nos nossos caminhos, em vez de uma ajuda.

A procura por mais significado na minha vida intensificou-se e, como resultado, o problema do trabalho ganhou ainda mais relevância. Apercebi-me de que era muito difícil sobreviver apenas da arte, pelo menos até ganhar uma boa reputação. Isso queria dizer que, entretanto, eu teria de encontrar um novo caminho. Sobreviver como artista seria, eventualmente, possível. Afinal, se podia sonhá-lo, podia concretizá-lo. Contudo, precisava de ganhar dinheiro e, de preferência, numa área que me permitisse trabalhar com gosto e ser eu mesma.

Dentro da indústria bancária, a pressão para vender produtos tinha aumentado e eu não me identificava. Já não me encaixava naquele mundo, se é que alguma vez o havia feito. Determinada a continuar a minha jornada criativa, tomei a decisão de retomar o emprego de cuidadora. Pelo menos, assim não estaria presa a uma renda ou a um empréstimo imobiliário, o que também me libertaria da rigidez da rotina.

Apesar dos anos de introspeção que me conduziram a este ponto, a decisão final foi quase casual, leviana. Em prol do meu percurso

criativo e do meu sonho de trabalhar com gosto, aceitaria um emprego de cuidadora, o que também me possibilitaria viver sem pagar renda. Naquela altura, não fazia ideia de que os meus desejos por um trabalho empático tinham sido ouvidos com tanta clareza, e que os anos seguintes iriam, por si só, ser uma parte tão significativa da minha vida e obra.

Em duas semanas, mudei-me para uma casa num dos subúrbios mais exclusivos de Sydney, perto do porto. A minha cliente, Ruth, tinha sido encontrada pelo seu irmão idoso, inconsciente no chão da cozinha. Depois de mais de um mês internada, foi autorizada a voltar para casa, desde que estivesse sob cuidados vinte e quatro horas por dia.

A minha única experiência enquanto cuidadora tinha sido com a Agnes. Nunca tinha cuidado de pessoas doentes e fui honesta sobre isso quando falei com agência que me contratava, mas eles não se importaram. Cuidadores que estavam dispostos a morar com os clientes eram valorizados. Não me iam deixar escapar por entre os dedos.

— Finja que sabe o que está a fazer e ligue-nos se precisar de ajuda.

Confusa e desesperada, concordei.

Apesar de ser uma principiante, a minha empatia permitiu-me desempenhar a função razoavelmente bem. Tratava a Ruth como trataria a minha própria avó, que tinha sido muito importante para mim. Atendendo às suas necessidades à medida que apareciam, ia aprendendo e adaptando-me conforme necessário. A enfermeira comunitária aparecia ocasionalmente e fazia-me perguntas sobre coisas que eu não sabia. Para ser honesta, ela ajudou-me imenso e eu aprendi sobre medicações, cuidados pessoais e a gíria da medicina.

Os meus patrões apareciam de vez em quando, bastava-lhes ver que a cliente estava feliz e partiam. Não faziam ideia de que eu estava a ficar emocional e fisicamente exausta. Sendo honesta, não tenho a certeza se eu própria me tinha apercebido.

A família da Ruth estava satisfeita porque eu a mimava imenso. Havia massagens nos pés, manicures, tratamentos faciais e muitas conversas agradáveis à cabeceira da cama com chávenas de chá. Como disse, tratava-a como trataria a minha querida avó. Não conhecia outra forma de trabalhar.

A Ruth tocava a sua campainha durante a noite e eu descia as escadas num ápice, ajudando-a a chegar à cadeira sanitária junto à cama para ir à casa de banho.

— Oh, és tão glamorosa — dizia-me quando eu entrava.

Elogiava-me porque, por vezes, amarrava o cabelo no topo da cabeça para ir para a cama, apenas porque estava demasiado exausta para desfazer os nós. E quanto à minha «glamorosa» camisa de dormir, vestia-a por insistência da minha mãe.

— Não podes ir para casa desta senhora e dormir nua ou com qualquer coisa velha — insistia a minha mãe. — Por favor, leva isto e promete-me que vais usá-la.

Portanto, para honrar os desejos da minha mãe, usava a camisa de cetim para dormir. Certamente que não me sentia glamorosa, andava meio a sonambular para o quarto da Ruth quatro ou cinco vezes por noite, com os olhos a lutarem para se abrir, desejando um alívio do meu estado de exaustão. A Ruth também precisaria de mim no dia seguinte. Sendo assim, as minhas hipóteses de recuperar algumas horas de sono eram poucas. Enquanto a Ruth fazia as suas sestas da tarde, eu dedicava-me às tarefas domésticas.

Mesmo quando estava na cadeira sanitária, a Ruth queria conversar. Adorava toda aquela atenção depois de anos a viver sozinha. Eu também gostava da nossa amizade, exceto quando tinha de ouvir sobre as chávenas e os pires que tinham sido utilizados em determinado jantar há trinta anos, enquanto ela urinava às três da manhã e o meu corpo desejava apenas voltar para a cama.

Ao longo das semanas, a Ruth foi-me falando dos anos passados à volta da baía e das crianças que lá brincavam. De cavalo e carroça, caminhava devagar pelas ruas calmas, fazendo as entregas de leite e pão. Aos domingos, os vizinhos vestiam todos as suas melhores roupas para a igreja. A Ruth falou-me dos seus filhos, sobre quando eram pequenos, e do marido que já falecera há muito tempo. A sua filha, Heather, quem eu achei encantadora, fazia visitas regulares e era um sopro de ar fresco. Por sua vez, o filho da Ruth e a sua família viviam no interior. Se Heather não tivesse mencionado o irmão, teria sido fácil esquecer-me da sua existência. Não desempenhava um papel ativo na vida da mãe.

A Heather foi o pilar que apoiou a Ruth ao longo de décadas como viúva. O irmão mais velho da Ruth, James, também ajudou. Todas as tardes, vinha a pé da sua casa que ficava a cerca de um quilómetro de distância. Podia-se acertar o relógio pela sua visita. Dia após dia, lá estava ele, sempre com a mesma camisola. Tinha oitenta e oito anos e nunca casou. Foi um prazer conhecê-lo e desfrutar da simplicidade da sua vida. Era uma personagem maravilhosa, com uma mente tão lúcida quanto possível.

No entanto, a Ruth continuava acamada passado um mês, não estava a recuperar da doença. Foram feitos mais exames e foi nessa altura que me informaram que ela estava a morrer.

Tudo me parecia surreal, ao deambular pela baía em lágrimas. Crianças brincavam na água rasa. A ponte pedonal que se estendia sobre a baía balançava levemente, enquanto pessoas alegres a atravessavam. Ferries navegavam a caminho do Circular Quay, no centro da cidade. Eu caminhava como se estivesse num sonho, em segundo plano ecoavam risos vindos de um grupo de pessoas que faziam um piquenique.

Sentada contra uma falésia de arenito, com a água quase a tocar nos pés, olhei para o belo céu. Era um daqueles dias de inverno perfeitos, quando o calor do sol é como um alívio. Em Sydney nunca faz muito frio no inverno, pelo menos não como nas cidades europeias. Estava um dia incrível e um casaco leve era o suficiente. Tendo criado uma proximidade com a Ruth, pensar na sua morte deixava-me em lágrimas, devido à dor que se adivinhava. Quando percebi que a iria perder, a minha primeira reação for de choque. Enquanto as minhas lágrimas corriam, um iate passou, cheio de pessoas felizes e saudáveis. Foi então que percebi que eu seria a cuidadora da Ruth até ao fim.

Como cresci numa quinta de gado bovino e, mais tarde, numa de gado ovino, testemunhei a morte de muitos animais. Embora não fosse algo estranho para mim, afetava-me de uma forma terrível. Mas a sociedade em que vivia, moderna e de cultura ocidental, não expunha com regularidade as suas pessoas a moribundos. Não era como outras culturas, nas quais a morte humana não era tabu, mas sim uma parte muito visível do quotidiano.

A nossa sociedade excluiu a morte, quase como uma negação da sua existência. Esta negação deixa o defunto, a família e amigos totalmente desprevenidos quando se deparam com algo que é inevitável. Todos nós vamos morrer. Em vez de se reconhecer a existência da morte, tentamos escondê-la. É como se nos estivéssemos a tentar convencer de que a expressão «longe da vista, longe do coração» realmente funciona. Mas isso não deixa de ser uma ilusão, porque, em vez disso, continuamos a tentar validar-nos através da nossa vida material e comportamentos associados ao medo.

Para sermos capazes de enfrentar a nossa própria morte, que é inevitável, com honesta aceitação, precisamos de mudar as nossas prioridades antes de lá chegarmos. Isso permite-nos canalizar as energias para o que realmente importa. Ao reconhecermos que nos resta um tempo limitado, embora não saibamos se são anos, semanas ou horas, deixamos de ser influenciados pelo ego e pela opinião dos outros. Em vez disso, somos movidos pelo que realmente desejamos. Aceitar que a morte pode estar próxima, permite-nos encontrar um maior propósito e satisfação no tempo que nos resta.

Apercebi-me do quão prejudicial é esta negação na nossa sociedade. Mas, naquele dia de inverno soalheiro, não fazia ideia do que estava por vir com a Ruth e do papel que iria desempenhar ao cuidar dela. Encostei a cabeça à parede de arenito e rezei por força. Tendo enfrentado inúmeros desafios desde criança até à vida adulta, acreditei que não estaria naquele lugar se não estivesse à altura do desafio. No entanto, não aliviou a minha tristeza nem a minha dor.

Sentada ao sol naquele dia, a chorar silenciosamente, sabia que tinha apenas uma tarefa: proporcionar à Ruth a maior felicidade e conforto possíveis nas suas últimas semanas de vida. Foi inesperado, mas aceitei que tinha dons para partilhar e que era isso que a vida me pedia para fazer. Ao caminhar para casa, desenvolveu-se dentro de mim um grande propósito, dar o meu melhor naquela situação e só depois recuperar o sono.

Nesse dia, a minha patroa apareceu. Expliquei que eu nunca tinha sequer visto uma pessoa morta, quanto mais cuidar de alguém que estava a falecer. Ela fez orelhas moucas.

— A família adora-te. Vais ficar bem.

«Vais ficar bem» é uma expressão tão comum na linguagem australiana que acreditei que realmente ficaria.

O deteriorar da Ruth foi bastante rápido a partir daí. Outros cuidadores vinham nas minhas folgas e, conforme as suas necessidades aumentavam, fui dispensada do serviço noturno. Ainda assim, os outros cuidadores chamavam-me e eu supervisionava as operações. Mas, pelo menos, já conseguia dormir.

Os dias continuavam especiais. Na maioria das vezes, eu e a Ruth estávamos sozinhas. Era um bairro pacífico. De vez em quando, ecoavam risos pelas árvores, vindos do parque junto à baía. A Heather e o James vinham visitar-nos, assim como uma série de especialistas dedicados ao seu trabalho. Aprendia imenso à medida que crescia na minha função. Fazia o necessário e colocava o máximo de questões possíveis.

Prestes a sair da cidade para dois dias de folga, animada para visitar o meu primo e desfrutar de alguma leveza após o peso de tudo, notei um cheiro vindo do quarto da Ruth. A cuidadora noturna não notou, ou fingiu não notar, na esperança de que o trabalho pudesse ficar para a cuidadora diurna. Foi algo recorrente nos anos seguintes.

Não podia deixar a minha querida amiga deitada naquela situação nem mais um minuto. Ela não se conseguiu conter e os seus intestinos esvaziaram-se por completo. Deitada, mole, a Ruth só conseguia responder-me com sons baixos. Os seus órgãos principais estavam a colapsar. A cuidadora noturna afastou-se com relutância de uma revista cor-de-rosa e ajudou-me, enquanto limpávamos aquela querida mulher e trocávamos os lençóis. Foi um alívio quando a cuidadora diurna chegou, ajudou de imediato. Deixámos a Ruth limpa e a descansar, pouco tempo depois adormeceu profundamente exausta.

O meu coração ainda estava em casa, com a Ruth, mesmo estando sentada num bosque com o meu primo. Aceitando de bom grado a leveza e o humor que a sua companhia me proporcionava, estava grata por aqueles momentos. Porém, não ia conseguir ficar ausente por duas noites. A Ruth ocupava grande parte dos meus pensamentos e eu estava certa de que não lhe restava muito tempo. Estava em casa do meu primo há poucas horas quando a minha patroa me

ligou, informou-me que a Ruth estava nos seus últimos momentos. Perguntou-me se podia lá ir.

Quando cheguei, já anoitecera, ainda não tinha entrado e já sentia o ambiente sombrio que se instalara naquela casa. A Heather estava lá com o marido, assim como a nova cuidadora que faria o turno da noite, uma irlandesa amorosa e que tinha acabado de chegar.

A Heather perguntou se me importava que ela fosse para casa. Respondi-lhe gentilmente que fizesse o que achasse mais correto e assim foi. Ao início, foi-me um pouco difícil deixar de julgar a decisão. Só imaginava a minha própria mãe a morrer e como eu faria de tudo para estar com ela nos seus últimos momentos.

Dizem que tudo se resume ao amor ou ao medo, todas as emoções, todas as ações e todos os pensamentos. Mais tarde, concluí que o medo influenciou a decisão da Heather e, com isso, senti uma onda de compaixão e amor por ela. Desde que nos conhecemos que a achei uma pessoa muito prática e um pouco distante. Contudo, esta situação era-me estranha. Não queria que as minhas próprias crenças e condicionantes impedissem o meu respeito por alguém por quem me afeiçoei, simplesmente porque ela lidava com as coisas de forma diferente.

Sentada na sala escurecida com a Erin, a outra cuidadora, comecei a aceitar e a respeitar o comportamento da Heather. Tinha feito tudo o que podia. Durante décadas manteve a vida da sua mãe organizada, assim como a da sua própria família. Agora, estava completamente exausta, tanto física como emocionalmente. Deu tudo o que podia e queria lembrar-se da mãe a dormir pacificamente. Esbocei um sorriso, com respeito.

Nos dias que se seguiram a Heather confessou-me que a Ruth havia insinuado que queria que ela se fosse embora. A Heather conhecia a sua mãe o suficiente para interpretar os seus desejos. Afinal, tinha sido por amor que ela partiu, não por medo. Nos anos que se seguiram, situações deste género tornaram-se algo comuns. Nem todas as pessoas no leito da morte queriam as suas famílias presentes. Despediam-se enquanto lúcidas e, ocasionalmente, preferiam partir na presença dos cuidadores, permitindo que as famílias preservassem outras memórias.

Já com a presença persistente da morte, eu e a Erin conversávamos baixinho no quarto da Ruth. A Erin explicou-me que se fosse a sua família, o quarto estaria cheio de pessoas. Tios, tias, primos, vizinhos e crianças, todos viriam para se despedirem e acompanhar a pessoa na sua partida.

De vez em quando, dávamos por nós em silêncio, ambas a olhar para a Ruth. Estava uma noite incrivelmente calma e do meu coração enviava silenciosamente amor para a Ruth. Eu e a Erin conversávamos um pouco, para depois retornarmos ao silêncio. Ela era uma participante com um talento natural, o que a tornava a pessoa perfeita para partilhar esta experiência.

— Abriu os olhos! — disse a Erin de repente, assustada. A Ruth tinha estado quase em coma durante várias horas até então. — Ela está a olhar para ti.

Aproximei-me da cama e segurei a mão da Ruth.

— Estou aqui, querida. Está tudo bem.

Olhou-me diretamente nos olhos e, pouco depois, a sua alma começou a abandonar o corpo. Agitou-se por um curto tempo. Depois fez-se silêncio. Vieram-me as lágrimas aos olhos instantaneamente. Num diálogo silencioso agradeci-lhe do fundo do coração por tudo aquilo que partilhámos, disse que a amava e desejei-lhe uma boa viagem. Foi um momento reverente, cheio de quietude e amor. De pé na sala escura, com todos os meus sentidos despertos, pensei na bênção que recebi por ter tido aquele tempo com ela.

De repente, o corpo da Ruth reproduziu outro grande fôlego. Recuei, a praguejar, com o coração a saltar-me do peito.

— Caramba — disse à Erin. Ela sorriu com suavidade.

— Isso é bastante normal, Bronnie. Acontece muitas vezes.

— Sim, bem, obrigada por me avisares — respondi em choque, sorrindo. O meu coração batia rapidamente, toda a reverência do momento dissipara-se. Aproximei-me novamente da cama, com hesitação.

— Vai acontecer outra vez? — sussurrei.

— Talvez.

Esperámos em silêncio por mais um minuto, quase sem respirar.

— Ela partiu, Erin. Sinto que ela partiu — disse finalmente.

— Deus a abençoe — pronunciámos as duas baixinho, ao mesmo tempo. Aproximando as nossas cadeiras, ficámos com a Ruth por um tempo, num silêncio sagrado e de respeito. Eu também precisava de me acalmar um pouco, depois daquele susto.

A Heather e a minha patroa pediram-me para lhes ligar quando acontecesse. Assim o fiz. Eram cerca de duas horas e trinta da madrugada, não havia mais nada a fazer. Já tinha sido previamente informada sobre como proceder a partir daquele momento. Liguei ao médico para vir emitir o certificado de óbito. No fim, liguei para a agência funerária.

Eu e a Erin ficámos sentadas na cozinha até que o corpo da Ruth fosse levado ao nascer do dia. Enquanto esperávamos, ambas voltámos várias vezes ao quarto para ver a Ruth. Sentia a necessidade de continuar a cuidar do seu corpo, mesmo sabendo que ela já o tinha deixado. Não gostava que estivesse sozinha no quarto. Os momentos que seguiram a sua morte, embora estranhos e escuros, foram muito especiais de certa forma, mas também havia um vazio palpável na casa.

No dia seguinte, oferecerem-me a hipótese de continuar a tomar conta da casa da Ruth. A Heather disse que o processo de divisão do espólio levaria meses e a família sentir-se-ia mais segura se tivesse alguém a viver lá até então. Assim, durante algum tempo fiquei na casa da Ruth, o que foi uma bênção para a minha situação na altura, sem casa para morar. Também era bom estar num lugar que conhecia bem.

Tinha-me apercebido de que o trabalho de cuidadora residente era demasiado cansativo para mim. Nunca fui capaz de fazer as coisas pela metade, percebi que, no futuro, precisaria de me afastar dos pacientes entre turnos e ir para casa todas as noites. O trabalho de cuidadora exigia muito mais de mim do que apenas companhia.

Nos meses seguintes, observei e ajudei enquanto a Heather mudava as coisas da Ruth para outros lugares. A presença dela foi desmantelada, uma peça de cada vez. Tendo vivido tanto tempo como nómada, ainda sentia aversão a possuir demasiadas coisas. Como resultado, recusei muitos objetos que a Heather gentilmente me ofereceu. Afinal de contas, eram apenas coisas e, apesar de terem pertencido à minha amiga Ruth, eu sabia que a sua memória ficaria no meu coração.

Os únicos objetos que guarduei foram uns candeeiros antigos pelos quais me apaixonei e guardo até hoje. Eventualmente, passado uns tempos, a casa da Ruth foi demolida pelos novos proprietários e substituída por uma construção moderna de betão. A velha árvore de pluméria, que durante décadas tinha espalhado os aromas do verão pela casa, foi esmagada num piscar de olhos e substituída por uma piscina. Recebi um convite para a festa de inauguração da nova moradia.

As pessoas que compraram a casa da Ruth sentiam-se desconfortáveis com as aranhas e as suas teias por entre as árvores do jardim. Eu e a Ruth adorávamo-las. Quando nos sentávamos na marquise, ficávamos a observar a aranha a tecer uma teia tão forte que poderíamos erguê-la para passar por baixo. Perto da piscina, rodeada por todas as plantas modernas que tinham substituído um jardim desenvolvido com amor e tempo, fiquei encantada ao ver uma aranha a tecer a sua teia bem alta por entre as novas plantas.

Através de um sorriso, enviei amor para a Ruth e soube que, à sua maneira, ela estava a visitar-me naquele dia. A sua casa podia ter desaparecido, mas o seu espírito estava comigo. Agradeci ao novo proprietário pelo convite, conversei um pouco e caminhei em direção à baía. Sentada no mesmo sítio como quando soube que a Ruth estava gravemente doente, senti-me grata por tudo o que partilhámos e por tudo o que aprendi com ela.

Naquele dia de verão, sorri, percebendo o quanto tinha ganho – muito mais do que viver apenas sem pagar renda. Enquanto o dia continuava alegre, diante de mim, continuei a grata e a sorrir. Por ter cruzado olhares com aquela aranha-de-teia-amarela, sabia que a Ruth me tinha devolvido o sorriso.